

Partilhando saberes

Intercâmbios, estágios e visitas às áreas de famílias agricultoras nas três regiões de Pernambuco, marcaram os últimos meses do ano. Nesta edição, fazemos um passeio para saber como se deu essa partilha de conhecimentos entre agricultores e agricultoras, estudantes e visitantes do continente africano.

Páginas 2, 3 e 6

Veja ainda:

Agricultora fala sobre os cuidados com a terra



Págs. 4 e 5

Dia Mundial da Alimentação é comemorado



Pág. 7

Mulheres da Mata realizam Plenária



Pág. 8

Que as lutas e conquistas de 2008 reforcem a caminhada para 2009

Caros amigos, caras amigas, o ano de 2008 se foi. A sensação que fica é a de que muitas coisas foram feitas, mas que ainda temos muito o que fazer. Temos muito o que construir para que a agricultura familiar agroecológica seja valorizada no potencial que ela tem de garantir qualidade de vida para o trabalhador do campo.

Percebemos no entanto, que ela vem crescendo. Isso porque cada passo que damos, cada grupo que se organiza, cada família que se propõe a trabalhar de forma agroecológica faz aumentar a nossa esperança nessa construção. No Sertão, no Agreste, na Zona da Mata pernambucana as famílias agricultoras mantêm a perseverança e os resultados são animadores.

Com a prática da agricultura agroflorestal a produção de alimentos nos sítios e assentamentos aumenta a cada ano. No Sertão mais de 100 famílias já participam do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e fornecem seus produtos para merenda escolar nas escolas da região. Elas garantem alimentos saudáveis e diversificados para sua família e ainda geram renda com o que produzem.

No Agreste e na Mata, a organização das famílias em torno da agricultura agroflorestal, do beneficiamento e comercialização da produção continua forte. O outro passo que estão dando é para acessar também o PAA e poder oferecer para as escolas locais produtos de qualidade para merenda escolar das crianças.

Por tudo isso e tantas coisas mais, que este espaço é pequeno para descrever, só temos que agradecer pelo ano de 2008. Agradecer às famílias agricultoras pela dedicação e fé na luta, aos parceiros e parceiras pela confiança depositada em nosso trabalho. Aos que fazem o Centro Sabiá pela dedicação e desprendimento para entender a dimensão do nosso trabalho e desejar a todos e todas um 2009 tão promissor quanto foi o ano que passou.

V Estágio de Vivência

Dias de estudos, debates e práticas junto com as famílias



Foto: arquivo Sabiá

Seminário reuniu estudantes e agricultores(as)

Com o objetivo de formar estudantes na perspectiva da agricultura familiar de base ecológica, foi realizado durante o mês de julho o V Estágio de Vivência em Agricultura Familiar e Campesina. Uma iniciativa do Centro Sabiá em parceria com o Caatinga, a Diaconia e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, com apoio do Ministério do Meio Ambiente (MMA), Projetos Demonstrativos (PD/A) e Projeto Dom Hélder Câmara.

Estudantes de nível médio de escolas agrotécnicas de Pernambuco e de nível superior da UFRPE, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Patos, e da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), no Rio Grande do Norte, participaram do estágio.

Durante a primeira semana aconteceram debates sobre agricultura familiar, agroecologia, gênero e políticas

públicas. Nas semanas seguintes os estudantes vivenciaram o estágio nas propriedades das famílias agricultoras. "Foi uma experiência maravilhosa, não só do ponto de vista da agrofloresta, mas de valorização da família, do conceito de união e de preservação do meio ambiente", relatou o estudante da UFRPE, Francisco Assis de Andrade.

No último dia de atividades, os estudantes se reuniram em um seminário de socialização das experiências vivenciadas. A atividade contou com a presença de estudantes, professores e agricultores/as. "Mostrei a agrofloresta que tenho e mostrei pra ele como era pra fazer. Ele veio pra aprender e eu estava pra ensinar. Porque ninguém sabe tudo, mas de tudo a gente sabe um pouco", disse o agricultor Domingos Martiniano, do município de Sirinhaém, na Zona da Mata, que recebeu o estudante Eromilson José de Lima em sua propriedade.

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do **Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá**. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE, CEP 50050-080. Fone/Fax: (81) 3223.3323/7026. E-mail: sabiá@centrosabiá.org.br Site: <http://www.centrosabiá.org.br> **Diretoria:** presidente: Jones Severino Pereira. **Vice-presidente:** Domingos Sávio. **Secretária:** Sandra Rejane. **Conselho Fiscal:** Flávio Lyra, Rivaneide Almeida e Joana Santos. **Coordenação:** **Coordenador Geral:** José Aldo dos Santos. **Coordenadora Administrativa-financeira:** Verônica Batista. **Coordenador Técnico-pedagógico:** Alexandre Henrique Pires. **Equipe técnica:** Adeildo Fernandes, Ana Cruz, Carlos Magno, Cláudia Valéria de Oliveira, César Garibaldi Alves, Diana Castro, Gilberto Souza, Jânio Amorim, Laudénice Oliveira e Sandro José de Gusmão. **Equipe administrativa:** Alexsandro Honório Pereira, Denize Barbosa, Edneide Alves, Eliezer Ricardo da Silva, Giselle Henrique Rocha, Jacinta Silva, Janaina Ferraz, Pedro Eugênio da Silva e Vânia Luiza Silva. **Assessoria técnica:** Carmo Fuchs e Maria Cristina Aureliano. **Estagiárias:** Catarina de Angola (Comunicação); Bruna Ramalho, Luciana Batista e Paula Dantas (Contabilidade). **Organização:** Marcelino Lima. **Colaboração:** Catarina de Angola; Carlos Magno e Diana Castro. **Fotos:** Jorge Verdi, Lumem Studio e Arquivo Sabiá. **Jornalista Responsável:** Laudénice Oliveira (DRT/PE 2654). **Diagramação:** Jorge Verdi e Lumen Studio. **Apoio:** ICCO, Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Intermón/Oxfam, Heifer, TDH e Misereor. **Tiragem:** 2.000 exemplares. **Impressão:** Provisual Divisão Gráfica.

Patrocínio:



Africanos visitam experiência no Agreste de Pernambuco

Fotos: arquivo Sabiá

Intercâmbio fez parte do programa Brasil África em Desenvolvimento Social

Dirigentes e técnicos de seis países do continente africano (Angola, Gana, Moçambique, Namíbia, Quênia e Tanzânia) estiveram no Agreste do estado, no mês de agosto, na propriedade do casal Maria Joelma da Silva e Roberto Pereira da Silva, assessorados pelo Centro Sabiá, na comunidade de Pedra Branca, município de Cumaru.

Os visitantes conheceram a experiência dos programas Um Milhão de Cisternas (PIMC) e Uma Terra e Duas Águas (PI+2), da Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA). A atividade de intercâmbio faz parte da Missão de Estudos do Programa Brasil África em Desenvolvimento Social e visa a troca de experiências e integração com o Governo Federal brasileiro. Entre os visitantes esteve presente também a ministra de Gênero, Criança e



Missão africana visitou experiência em Cumaru, Agreste de Pernambuco

Desenvolvimento Social do Quênia, Esther Murugi Mathenge.

Joelma mora na comunidade de Pedra Branca desde que nasceu e contou que antes de possuir a cisterna do PIMC a família consumia água de um barreiro. “A cisterna foi um presente pra gente que trabalha na zona rural, que vive com a estiagem. Nossa vida teve um rumo diferente, temos uma

alimentação melhor, cuidamos melhor da terra”, explicou. Além das duas cisternas, a família desenvolve a agricultura agroflorestal.

O coordenador estadual da ASA e coordenador-geral do Centro Sabiá, José Aldo dos Santos, destacou que “a família de Joelma, assim como as outras famílias de agricultores/as são os construtores do programa”.

Visitantes se impressionam com resultados

Os visitantes ficaram impressionados com a experiência apresentada por Joelma. “Achei muito interessante, sobretudo porque ela como mulher está assumindo uma grande responsabilidade para a mudança da vida. Acho que essa iniciativa deve ser mesmo extensiva para todas as comunidades rurais e acredito que em um curto espaço de tempo existirão muitas mudanças, não apenas nessa área semi-árida, mas



também em todo o Brasil”, disse a angolana Ruth Maxinge.

“Quando você parte da realidade concreta do agricultor que está aqui demonstrando com toda a sua

espontaneidade o resultado dos programas sociais, tenho certeza que contagia e empolga muito mais quem os visita a também desenvolver esses projetos”, disse o diretor da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sesan), César Medeiros.

Joelma disse ter ficado lisonjeada com a oportunidade de mostrar o seu trabalho. “Estou contentíssima com a visita e fico contente também pelos outros agricultores que têm se esforçado nessa luta. A gente precisa lutar e precisa mostrar que isso é possível, que isso é viável pra gente que vive na zona rural e se eles vieram nos visitar é porque alguma coisa boa a gente está fazendo”.

“A terra é tudo o

Cuidar bem dela é certeza de fartura r

A agricultora Joelma Pereira mora na comunidade de Pedra Branca, no município de Cumaru, Agreste de Pernambuco, região Semi-Árida. Ela é casada, tem três filhos, faz parte do Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Cumaru. Joelma também é animadora de um grupo de agricultores/as agroecológicos/as das comunidades de Pedra Branca e Queimadas, da área rural aonde mora. Nesta entrevista ao Dois Dedos de Prosa, ela defende que todo agricultor e toda agricultora deveria trabalhar sua terra de forma agroecológica, porque protege o meio ambiente, gera uma boa produção e alimentos saudáveis para a família.

Dois Dedos de Prosa: Há quanto tempo você mora nessa comunidade?

Joelma Pereira: Eu nasci aqui na comunidade de Pedra Branca mesmo. Quando a gente casou, foi morar em outra área, mas na mesma comunidade. Nessa propriedade, a gente mora há dez anos.

DDP: Já que você nasceu e cresceu nessa comunidade, o que você nota de diferente nela?

JP: Antigamente tinha muita mata. Tinha muito sagüim, teju, passarinhos. A medida que desmatou os passarinhos foram embora e os outros animais, também. Hoje, a gente percebe que só tá ficando a terra e mais nada. A mata era uma fonte de muita gente.



Joelma Pereira na sua agrofloresta

Ganhou-se dinheiro com a venda de madeira, na verdade quem ganhou dinheiro foi o atravessador que tava intermediando esses trabalhos. Agora, eles foram

“Quando você produz um alimento, seja hortaliça, seja milho ou feijão sem veneno, é claro que você tá contribuindo e muito para melhorar o que você está consumindo.”

embora e a gente foi quem ficou. Eu me lembro que íamos pra uma comunidade próxima e trazíamos o burro carregado de manga. Hoje, a gente não tem mais manga.

DDP: Você acha que isso aconteceu devido ao desmatamento?

JP: O desmatamento, eu acho que influencia muito pra tudo isso. A terra é tudo que a gente tem. É dela que a gente tira o nosso combustível, nosso alimento. E nós percebemos que o clima tá mudando e influencia muito nessas coisas. Aqui nessa região, que é semi-árida, sempre tivemos problema com água. E, com o tempo, isso só fez aumentar mais essa dificuldade, porque as matas já não existem mais e elas, a gente sabe, que chamam chuva. Então, a tendência é a problemática da água aumentar. Precisamos acordar para essas coisas ou a tendência é piorar mesmo.

DDP: Mas, vocês já estão fazendo alguma coisa para melhorar, não é verdade?

JP: Eu acho que nós temos contribuição a dar nesse processo todo e temos trabalhado nessa perspectiva de contribuir. Acabar é

que a gente tem”

a mesa e qualidade de vida no campo



Fotos: Jorge Verdi

Joelma junto com o esposo e os filhos

difícil, porque tem muita gente que ainda queima, desmata, usa veneno, mas a gente pode diminuir com o trabalho que vem fazendo. Nós temos esse trabalho voltado para a preservação do meio ambiente, pra recuperação de solos. A gente que trabalha com agroecologia tem muito essa preocupação, de melhorar o nosso sítio.

DDP: Que práticas agroecológicas vocês faz no seu sítio?

JP: Desde preservar o meio ambiente, até cuidar melhor da água eu acho que isso é prática agroecológica. É economizar quando vai irrigar uma fruteira, é aproveitar a água da pia pras outras plantas, pra os pés de banana. A gente tem feito viveiro de mudas, tem reflorestado algumas áreas. Temos notado uma grande mudança no solo. A terra tá ficando mais fofa,

tem se melhorado muito, porque nela tem várias plantas, as folhas caem direto no solo, fica lá e vai se decompondo. Isso ajuda a terra a se recuperar.

“Aqui em casa, eu passo isso para os meus filhos e para Roberto, que não podemos pensar só no dinheiro. Precisamos pensar primeiro no que a gente consome.”

DDP: E a família também tem um alimento saudável e de qualidade, não é?

JP: Sim. Nessas práticas agroecológicas, é claro e evidente que se descarta totalmente o uso de adubo e veneno. Quando você produz um alimento, seja hortaliça, seja

milho, feijão sem veneno é claro que você tá contribuindo e muito para melhorar o que você está consumindo. Conseqüentemente, a saúde é outra. Não se adoce com tanta freqüência. E, a gente não pensa só na gente, pensamos também que podemos oferecer para as outras pessoas produto de qualidade. Aqui em casa, eu passo isso para os meus filhos e para Roberto (esposo), que não podemos pensar só no dinheiro. Precisamos pensar primeiro no que a gente tá consumindo, se o produto é de qualidade. Então, a gente precisa pensar desse jeito.

DDP: Essa preocupação de cuidar da terra de forma que preserve o meio ambiente e forneça alimentos saudáveis, você e sua família já fazem e alguns vizinhos, também já se convenceram disso, mas ainda tem gente que continua produzindo sem essa preocupação aqui na comunidade não é?

JP: Sim, ainda tem. Mas, a gente precisa incentivar essas pessoas a mudarem. A mudança precisa atingir os agricultores num todo. É quem vive na zona rural que, de uma forma ou de outra, pode influenciar. Quando a gente pensa a agricultura de outro jeito, dessa outra forma de trabalhar, de forma agroecológica, você tá contribuindo para melhorar o meio ambiente, ter mais saúde e gerar renda para a família.

Agricultores e agricultoras participam de intercâmbio

O objetivo foi conhecer experiências de convivência com o Semi-Árido

Agricultores e agricultoras dos municípios de Sertânia, Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, no Sertão de Pernambuco, participaram de um intercâmbio à experiências de convivência com o Semi-Árido, no município de Ouricuri, no mês de setembro. A atividade foi realizada em conjunto com famílias agricultoras assessoradas pelo Caatinga.

Os participantes conheceram a propriedade do agricultor Adão Jesus de Oliveira, na agrovila Nova Esperança, que tem experiência com agrofloresta, criação de pequenos animais e apicultura. Ele contou que no início queimava, mas que com o tempo a prática perdeu o sentido. “Assim não estava deixando nada de herança para meus filhos”, disse. Ele faz a cobertura morta do solo e tem espécies nativas e agrícolas. “O solo agora guarda mais água e a diversificação atrapalha a chegada dos insetos”, explica.



Fotos: arquivo Sabiá

Agricultores(as) do Sertão trocam experiências em intercâmbio

Outra experiência visitada foi a de D. Eurides, agricultora que cria galinhas desde criança e faz um bom manejo sanitário, evitando doenças que atingem a comunidade. Para as galinhas não adoecerem, ela sempre deixa a água na sombra, lavando todos os dias o “caco” delas beberem e adicionando algumas plantas.

Já a agricultora D. Nicinha acessou o Pronaf Mulher e fez um projeto de produção de hortaliças. Hoje comercializa seus produtos nas feiras

livre e agroecológica e no Empório Kaeteh, que também foi visitado. Além de hortaliças ela possui espécies de frutas e ervas medicinais.

A agricultora contou que utiliza caldas de plantas para o controle das doenças, fermentado para fortalecer as plantas e a compostagem como adubo. Os agricultores/as ficaram animados com a idéia do controle das doenças e muitos levaram sementes cedidas por D. Nicinha para plantar em suas áreas.

Para os agricultores/as, o intercâmbio foi um momento onde se adquiriu muito conhecimento e que é necessário repassar para a comunidade tudo o que foi aprendido.

Experiências no Ceará também são visitadas

Agricultores e agricultoras das comunidades de Souto e Currealinho, em Triunfo, Riachão, em Calumbi e Santana dos Guerras, no município de Santa Cruz da Baixa Verde, todos do Sertão de Pernambuco, também participaram de um intercâmbio. Eles conheceram experiências agroecológicas no estado do Ceará, em uma atividade do Centro Sabiá em parceria com a Associação Cristã de Base (ACB).

No primeiro dia foram visitadas a área do agricultor Zé Padre, que tem uma experiência voltada para a agrofloresta, na qual a cisterna calçadão é utilizada para a produção de mudas e irrigação de



Intercâmbio também aconteceu no Ceará

algumas espécies, e a área do agricultor Zé Arthur, da comunidade Tabuleiro, no município de Nova Olinda (CE). Seu Zé Arthur contou que no passado já teve áreas produtivas, porém seus solos eram degradados. “A partir do trabalho

com agrofloresta, todo ano o solo é produtivo”, explicou.

No segundo dia do intercâmbio os agricultores/as conheceram a Casa de Sementes, no município do Crato e foram recebidos pelo agricultor Juvenal Januário, que também apresentou seu Quintal Produtivo. Eles têm a dinâmica de emprestar as sementes e devolver sempre um quilo a mais para a casa. No Quintal Produtivo, seu Juvenal não usa agrotóxicos em nenhuma cultura, apenas o Nim, como defensivo natural.

Ao final da atividade de cada dia foi realizada uma avaliação, na qual os agricultores/as falaram da impressão que tiveram das visitas e que segundo eles foram muito ricas e criativas.

Zona da Mata comemora Dia Mundial da Alimentação

Agricultores e agricultoras debateram Soberania e Segurança Alimentar

Agricultores/as da Zona da Mata de Pernambuco comemoraram o Dia Mundial da Alimentação, entre os dias 27 e 28 de outubro, em Palmares. As atividades foram promovidas pela Comissão Agroecológica da Mata Sul (CAMS), com o apoio do Centro Sabiá, Fase-PE, Cáritas, Comissão Pastoral da Terra (CPT) e associações de agricultores/as da região. Na programação aconteceu o seminário Agroecologia Fortalecendo a Comercialização e Garantindo Alimentos Saudáveis na Mata. A mesa de abertura contou com a participação de representantes estaduais do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e entidades agroecológicas da Mata Sul.

Agricultores/as de vários municípios da região participaram de debates e de um Carrossel de Experiências. Nesses momentos eles e elas discutiram sobre a importância das experiências dos/as agricultores/as para que as famílias tenham alimentos de qualidade e em boa quantidade. Discutiram, ainda, sobre a necessidade do poder público pensar e aplicar políticas que fortaleçam a agricultura agroecológica na região.

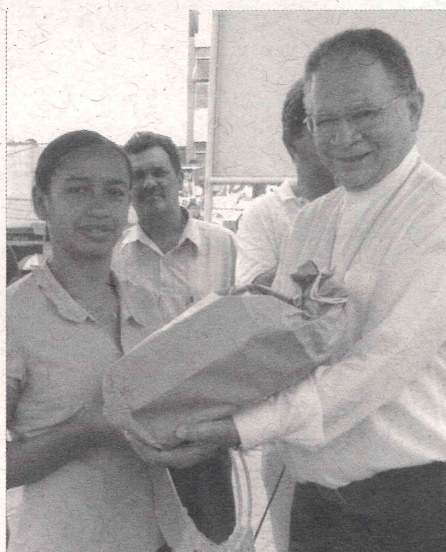
No último dia do encontro, os participantes reuniram-se na praça Paulo Paranhos para a realização de um Ato Público. Lá, também, aconteceu a Feira Agroecológica de Saberes e Sabores e uma homenagem a Josué de Castro e Dom Hélder Câmara. Durante o ato, o agricultor José Francisco da Silva, do engenho Amaraji, município de Rio Formoso, falou do orgulho que tem de ser trabalhador do campo. “Não me envergonho de dizer que sou trabalhador rural, pois somos nós que geramos alimento para a população. Todos precisam de uma alimentação sadia e de qualidade”, declarou ele.



Agricultores(as) durante atividades do Dia Mundial da alimentação - Palmares/PE

Para o Bispo de Palmares e público tem um efeito integrante da CNBB, Dom Genival Saraiva, “Iniciativas como o ato multiplicador e fortalecem a agricultura familiar”.

Concurso Mata Atlântica premia estudantes



D. Genival, bispo de Palmares, entrega prêmio a Josefa Adriana

Foi também em Palmares, no Ato Público, que aconteceu a premiação do Concurso Mata Atlântica, promovido pelo Centro Sabiá e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Estudantes de escolas agrotécnicas

e universitários realizaram estudos a partir do tema Agricultura Familiar e Processos de Sustentabilidade na Mata Atlântica em Pernambuco.

Os vencedores/as do concurso foram Gustavo Silva Carneiro de Souza e Lauande Corrêa Botelho, da UFRPE, e Josefa Adriana da Silva, da Escola Agrotécnica Federal de Barreiros (EAFB). “O concurso foi uma forma de pesquisar e aprender mais sobre agroecologia, já que o curso não aborda a temática”, contou Josefa. “Tive a oportunidade de escrever sobre algo que me incomoda”, explicou Lauande, que em seu artigo tratou sobre as implicações do monocultivo da cana-de-açúcar.

Os estudantes ganharam uma visita de intercâmbio às experiências agroecológicas em Pernambuco e na Paraíba. Receberam também publicações do Centro Sabiá e instituições parceiras sobre agroecologia e experiências da agricultura familiar.

Agricultoras participam da II Plenária de Mulheres da Zona da Mata

Encontro gerou documento que será encaminhado para os governantes



Fotos: arquivo Sabiá

Agricultoras da Zona da Mata, durante plenária que aconteceu em Goiana-PE

Cerca de mil agricultoras de municípios da Zona da Mata pernambucana reuniram-se no município de Goiana, no final de setembro, para a realização da II Plenária de Mulheres da Zona da Mata. A atividade foi promovida pelo Movimento de Mulheres da Zona

da Mata com apoio do Centro Sabiá e instituições parceiras.

Durante o encontro, as agricultoras atualizaram um documento de reivindicação elaborado na I Plenária, que aconteceu em 2006. O texto levanta problemas que são vivenciados pelas mulheres na região.

Entre eles entram o trabalho na cana-de-açúcar, a violência, e a falta de serviços de educação e saúde. Elas reivindicam que esses problemas sejam enfrentados para melhorar a qualidade de vida. O documento será encaminhado para os governos municipal, estadual e federal.

Preparação

A preparação para o encontro se deu através de rodas de conversa. Elas aconteceram em vários municípios da região e nelas as mulheres levantaram questões que queriam discutir na plenária. O Centro Sabiá realizou uma das rodas de conversa com agricultoras de Rio Formoso, Sirinhaém e Ribeirão, na Mata Sul de Pernambuco.

A previsão é que de dois em dois anos, no período antes das eleições,

aconteçam às plenárias. O propósito é fazer com que os futuros governantes locais também se comprometam a cumprir as reivindicações das mulheres agricultoras da região.

Entre as instituições promotoras da plenária estão o SOS Corpo, Centro das Mulheres do Cabo, Coletivo Mulher Vida, Casa da Mulher do Nordeste, Rede de Mulheres da Zona da Mata, Fase-PE e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape).

Na Mata Sul mulheres participaram de roda de conversa